

Apontamentos da Síntese de Julián Carrón
no Centro nacional dos universitários de Comunhão e Libertação
Milão, 9 de junho de 2018

Todos percebemos, esta manhã, o a escala do desafio que a familiaridade com Cristo representa para cada um de nós. Perguntava no início o nosso amigo: como chegar a reconhecer este «rosto em última instância singular», que tem «traços inconfundíveis também naqueles que Ele próprio criou como sinal de si» (L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*, Bur, Milão 2001, p.148)? Esta é a questão decisiva. E acrescentava que aquilo que o surpreendia era que o seu relacionamento pessoal com Cristo era a origem declarada de uma alegria que via em alguns amigos à sua volta.

O caminho que tentámos fazer esta manhã ajudou-nos a entender melhor em que consiste esta familiaridade. Logo nas primeiras intervenções ficou claro que esta familiaridade não acontece em abstrato, fora da realidade, mas diante dos nossos olhos, graças a factos que acontecem. Alguns factos introduzem-nos a algo mais, remetem-nos para a Sua presença. Como aconteceu redescobrir àquele que interveio primeiro e nos falou da conversa com um velho colega do liceu, que encontrou passados alguns anos. Leitor apaixonado de Nietzsche e de Sartre, pessoa brilhante e cheia de iniciativa, aquele colega tinha-o procurado porque não estava a passar por uma boa fase: «Estou a atravessar circunstâncias que me fazem pensar que há mais do que aquilo que eu pensava até há pouco tempo», escrevera-lhe ele. «Como tu trabalhas sobre o teu coração já há muito tempo, eu gostaria de te ver para tentar descobrir se podes ajudar-me também a mim a ver alguma coisa». E depois, quando se encontraram, disse-lhe: «Descobri-me mais fraco, mais frágil do que eu pensava, e as coisas mais bonitas que me aconteceram nestes últimos anos não foram aquelas que eu quis criar, dominar, mas aquelas que não fui eu que fiz: começo a pensar que elas me foram dadas». Nessa altura, o nosso amigo interrompe: «Mas para mim, também este momento tão bonito contigo traz em si a mesma evidência, a evidência de que tu, agora, me és dado». Ouvindo estas palavras, o colega fica profundamente surpreendido, para, repete aquelas palavras e agradece-lhe. Como pode tal percepção do outro acontecer? «Eu pude dizer aquelas coisas graças a uma consciência que aprendi num determinado caminho. Graças ao seu espanto, porém, eu reconquistei esta consciência como acontecimento, como alguma coisa que acontecia e não como alguma coisa que eu tinha apenas guardado com os anos». O colega fica surpreendido, preso pelo olhar que recebeu: este olhar é para ambos um acontecimento que introduz a qualquer outra coisa. Este acontecimento pode ter acontecido num momento da vida e, depois, uma pessoa pode também ter-se afastado, como a rapariga de que falou o amigo de Florença. Apesar de ter encontrado a experiência da *GS*, nos anos da universidade tinha-se afastado. Este ano o seu pai adoeceu e morreu e ela entrou em contacto com uma pessoa do movimento que a tinha tocado naquela época, e que a convidou para passarem um dia juntas. No final do dia, ela escreveu: «Alguma coisa dentro de mim me disse: “Eu quero viver assim, como eu vi viver hoje”. Eu não quero admitir que tudo isto vem de um Outro com um O maiúsculo, ainda que seja evidente; sei que é um problema meu, um problema de familiaridade, não de conhecimento abstrato. Mas depois do que aconteceu, apesar da minha atitude niilista, devo confessar que desejo esta familiaridade». Quando uma pessoa se afasta, corre o risco que todos corremos: que a vida acabe no nada. A verdadeira alternativa em relação à vida é esta: niilismo ou familiaridade com Cristo. É a alternativa diante da qual nos encontramos não apenas esta manhã, mas no nosso tempo: não estamos aqui para fazer jogos de palavras. O que arrancou aquela rapariga do niilismo não foi um discurso, mas o reacontecer do início: foi a experiência que ela teve com alguém presente, não com uma ideia, não com uma imagem, não com uma coisa do passado ou com o que ela aprendeu nos anos da *GS*. Se Cristo se torna um facto do passado, como se tornou para ela, então a vida entra no niilismo, fica à mercê do nada. Vê-se, por contraste, quando lhe volta acontecer a mesma coisa da primeira vez, de uma forma tão radical que exige ao máximo a sua liberdade, forçando-a a decidir. Dizia: «Eu quero viver assim, apesar de eu não querer reconhecer que esta novidade vem de Outro». A sua liberdade está em jogo: ela, como cada um de nós, é

chamada a decidir diante daquilo que lhe aconteceu por ter encontrado uma pessoa. Todos nos damos conta de que, mesmo estando diante de muitos factos como aquele que ela descreveu, muitas vezes é como se bloqueássemos o nosso olhar, nos ocultássemos o caminho que conduz à familiaridade com Cristo. E se esta familiaridade não invade a totalidade da vida, o nosso eu fica dividido, exposto ao niilismo.

Mas em que é que consiste a familiaridade de que falamos? Foi decisivo, a este respeito, o percurso feito pela intervenção de uma de vocês, quando observa que esta familiaridade não é determinada pela quantidade de dados que temos sobre Cristo, por quantas coisas sabemos dizer sobre Ele, ou pela quantidade de factos que nós colecionámos, mas pelo assombro pela Sua presença que acontece, isto é, por uma experiência na qual a totalidade do nosso eu é tomada, atraída, agarrada. O problema não é saber mais coisas, mas se estás diante de alguma coisa, de alguém que te prende o coração, como aquela rapariga de quem acabamos de falar. Não se trata de aumentar os dados que tenho do outro, porque muitos de nós conhecemos "vida e milagres", mas não nos prendem o coração nem por um momento. A familiaridade não é dada pelas muitas notícias que tenho, pelos muitos factos de que eu tenho conhecimento: pode haver teólogos que escrevem livros e livros sobre Cristo, mas quantos é que são tomados por Cristo? O mesmo é verdade para cada um de nós.

É o espanto pela Sua presença, um espanto que envolve a totalidade do nosso eu, que dá origem à familiaridade, uma proximidade de coração a Cristo. E vê-se quando alguém a vive pela liberdade que tem em relação ao presente e ao futuro, em relação à forma como podem correr os relacionamentos, as situações, o trabalho. A familiaridade com Cristo não é o resultado de um silogismo: «Então, eu tenho de dizer: "Jesus"» como algo acrescentado, mas floresce dentro da experiência de uma correspondência única à nossa humanidade, que faz crescer o espanto pela Sua presença.

Quantas vezes, diante dos factos que contaram esta manhã, vocês se surpreenderam, graças a um espanto que tomava todo o vosso ser, a dizer «Tu», a pronunciar o Seu nome? Ou o «Tu» foi a conclusão de um silogismo, o resultado de um «portanto»? Digo isto para nos ajudarmos a fazer um caminho: caso contrário, contamos factos excepcionais, mas é como se já soubéssemos a resposta por antecipação e, portanto, acrescentamo-la no final da história e do raciocínio. Se não nos espantamos realmente com o acontecimento de Cristo que se dá, não nos surpreendermos a dizer: «Tu». Como foi diferente aquilo que nos testemunhou a intervenção da nossa amiga, quando disse que, após a conversa com a sua amiga, apercebendo-se de viver, diante da mesma situação problemática, não o escândalo e o ódio pela forma como as coisas tinham corrido, mas uma alegria e uma liberdade, «não pude evitar dizer "Tu"». Cheia de espanto, ela reconheceu que aquela alegria e aquela liberdade estavam nela porque Cristo tomava cada vez mais a sua vida.

Foi o que aconteceu com os discípulos no episódio da pesca milagrosa. O que diz o Evangelho? Vão relê-lo. Qual foi a reação de Pedro à superabundância da pesca? Também os discípulos sabiam muitas coisas sobre Jesus, mas quando vêem aquela «enorme quantidade» de peixe, o que acontece? Fazem todos os passos até chegar ao «portanto ...»? Não. «O espanto apodera-se dele [Simão Pedro] e de todos os que com ele estavam, por causa da pesca que haviam feito» (Lc 5,9). Tinha acontecido um facto cuja única explicação era aquele «Tu», aquele homem presente, que lhes dissera para atirarem as redes, embora não tivessem apanhado nada durante toda a noite. O reconhecimento daquele homem, de quem ele era, da sua excepcionalidade - um reconhecimento que começava a fazer o seu caminho em Pedro e nos outros discípulos - não era a conclusão de um raciocínio feito à volta de uma mesa, mas o resultado de um espanto sem comparação, que atravessava todo o ser deles: estavam diante de uma presença excepcional, que punha em movimento toda a sua razão e toda a sua afeição, que desafiava qualquer medida, despertava uma questão inexorável, e mudava as suas vidas profundamente, tornava-os cada vez mais plenamente eles mesmos.

Nós podemos ver o que é Cristo porque ele tem uma densidade de realidade que me faz livre, feliz. Dizia o nosso amigo de Bolonha, falando de uma amiga que conheceu recentemente: «Quando ela está, eu estou contente». Ele não disse: estou contente porque a terra existe, mas porque ela existe, uma presença, um «tu». Isto é fundamental para entender quando é que dizemos coisas reais. Nós

percebemos que Cristo está presente, porque ele nos faz livres, felizes, nos permite fazer uma experiência de outra maneira impossível. Se Cristo não fosse uma presença cheia de realidade, não conseguiríamos explicar aquela liberdade, aquela alegria. Não somos visionários, não temos de imaginar nada, só precisamos de reconhecer o que existe, sermos totalmente leais com aquilo que acontece. E se não chegamos ali, ao reconhecimento da Sua presença presente, à familiaridade com Ele, nós não encontramos nenhuma resposta verdadeira para a exigência de totalidade e de unidade da vida que cada um traz gravada no seu próprio ser, uma resposta de que cada um de nós precisa para ser ele mesmo.

Quem começou a experimentar a novidade que Cristo introduz na vida e a reconhecer a Sua presença - nos factos concretos da vida, através dos sinais humanos de que Ele se serve para se fazer contemporâneo - pode realmente compreender o método que Cristo estabeleceu para responder à nossa exigência de totalidade: «Segue-me».

O método não é mais do que uma convivência com a Sua presença, como diz o Evangelho. No episódio da pesca milagrosa é evidente. Eles não tinham conseguido apanhar nada a noite toda. Jesus vê-os quando, destroçados, lavam as redes e diz a Simão: «Vão para o largo e lancem as vossas redes para a pesca». Simão responde: «Mestre, trabalhamos a noite toda e não apanhamos nada; mas, sobre a tua palavra, lançarei as redes "(Lc 5,4-5). Graças à confiança que aquele homem já tinha gerado neles, lançam as redes. Nós podemos fazer milhões de esforços durante toda a vida, como eles tinham feito toda a noite, e pode não acontecer nada, porque a realização não é uma coisa que podemos nós gerar. Cada um pode fazer todas as tentativas que quiser, seguir as suas próprias imagens, mas deve sempre verificar se as suas tentativas e as suas imagens o levam ao que pretende alcançar. Agora, se passou toda a noite e não apanhaste nada, lembra-te que existe uma outra possibilidade, como para os discípulos: que chegue alguém, te faça uma proposta e te diga: «Lança as redes», e tu que és o especialista em pesca, mas que não foste capaz de fazer nada durante toda a noite, abres-te a uma outra possibilidade, exactamente porque percebes que as tuas tentativas, seguir as tuas imagens, seguir a tua medida, seguir aquilo que te vem à cabeça com toda a tua boa vontade, não produz aquilo que tu procuras.

E é quando estamos tão pobres que, talvez, estejamos mais dispostos a abrir-nos a uma possibilidade que outro nos oferece, que não vem de nós, que não dominamos. Como a rapariga cujo pai morreu, e anos depois, se abre novamente a uma possibilidade de que já tinha entrado na sua vida e procura quem a tinha tocado, que lhe telefona e lhe diz: «Vem passar um dia comigo», e algo de imprevisível acontece, volta a acontecer aquele acontecimento que a abre, a faz renascer, provoca a sua liberdade. O cristianismo é este acontecimento, e não a nossa tentativa: não é uma coisa que produzes com o teu esforço, com os teus planos, ou que ajustes à tua medida, escolhendo aquilo que queres daquilo que te é proposto, fazendo tu a tua sopa. O cristianismo é um acontecimento, uma coisa imprevista, imprevisível, não construída pelas tuas mãos, irreduzível aos teus projetos, que te faz experimentar uma plenitude que não consegues obter com as tuas capacidades e que desperta uma atração incomparável a qualquer outra, convidando-te a seguir. «Lancem as vossas redes». Fizeram-no e «colheram uma enorme quantidade de peixe e rompiam-se-lhes as redes. [...] E, vendo isto, Simão Pedro prostrou-se aos pés de Jesus, dizendo: "Senhor, afasta-te de mim, que sou um homem pecador" »(Lc 5, 8). É um presente, é um tu, diante do qual Pedro diz: «Senhor, afasta-te de mim», vendo toda a sua pobreza comparado com aquele que tinha à sua frente. Ajoelhou-se diante de alguém de carne e osso. Sem aquele tu, não teria havido todas as outras consequências, a começar pela superabundância da pesca e pelo espanto. Este é o ponto: sem aquele «Tu», nada teria acontecido. Por isso segui-lo, estar com Ele, ir com Ele à pesca, era para eles mais interessante do que ir ter com este ou aquele rabino para fazer a leitura do Antigo Testamento, ou ir ao templo de Jerusalém: tinham embatido no Mistério presente, em Deus feito carne. Essa é a diferença que entrou na história com Jesus; e se nós não a percebermos, não saímos daquilo que semeamos, do curto fôlego das nossas tentativas.

O que é necessário, então? Qual é o método? Seguir a Sua presença tal como acontece, segui-La a ponto de ir pescar com Jesus, acolher a Sua iniciativa, «Lancem as vossas redes». Se não seguirmos

a Sua presença, não seremos capaz de construir um momento daquele espanto de que Pedro é invadido, porque é Cristo quem o torna possível, a ponto de tomar a totalidade da nossa pessoa. Este é o maior desafio que irrompeu na história: ir pescar com aquele homem era a chave de acesso para aquilo que todos procuramos, era a forma como se tornava experimentável a resposta à expectativa que todos, ainda que de forma confusa, temos: a verdade era alguém que eles tinham à sua frente. E o método não mudou desde então até agora. Se vocês não querem perder o melhor, se cada um de nós não quer perder o melhor, a primeira coisa essencial é reconhecer onde é que o Mistério acontece, onde é que Cristo se torna presente, e decidir seguir a Sua presença de acordo com a forma como ela se move (hoje é ir pescar a Cafarnaum, depois de amanhã Nazaré, no dia seguinte Caná ...). Se nós não seguirmos o modo de se mover desta presença na história, não experimentaremos o cêntuplo («Quem me segue terá o cêntuplo ...»; cf. Mt 19,29). Se não tivéssemos vindo aqui esta manhã, não poderíamos ter visto aquilo que aconteceu diante dos nossos olhos. E isto é válido para tudo o que iremos nos propor para os próximos meses: têm assim o critério para decidir, porque só aqueles que têm consciência do método escolhido por Cristo é que podem decidir da forma certa. Como dizia a canção *Allong the Jordan river*, «sem Ele já não consigo entender as coisas»: é por isso que O seguimos, seguimos a Sua presença tal como ela acontece e se propõe à nossa vida. Sem o que nos aconteceu, não conseguimos entender completamente as coisas.

Um episódio recente ilustra isso de forma clara. No passado mês de março, uma docente universitária do movimento, que é *memor Domini* e vive no Cazaquistão há dezassete anos, devia participar num encontro de responsáveis da região dos países ex-soviéticos, que ia ter lugar em Vilnius, na Lituânia. Já tinha comprado as passagens de avião, mas antes da data percebeu que, para participar, tinha que faltar dois dias de aulas antes dos exames. Estava bloqueada nesta situação e perguntava-se se devia ir: estava fortemente tentada a renunciar, para respeitar os compromissos que tinha. Chega à universidade, e o director da Faculdade vê que ela está transtornada e pergunta-lhe: «O que se passa?». «Estou aborrecida porque fui convidada para ir a Vilnius, a um encontro – e explica-lhe do que se tratava - mas aqui há muitas coisas para fazer e percebi que não posso ir». O diretor – de tradição muçulmana – diz-lhe de rompante : «Mas deves ir! Se tu não fores lá, para que serves aqui? Peço-te para ires, porque se não fores, a um encontro tão decisiva para ti, não poderemos aproveitar da forma como tu vives o trabalho, com a qual lidas com as coisas. É por isso que deve ir». E ela: «Mas eu tenho muitos compromissos». «Dás-me a lista das coisas que tens de fazer: eu faço-as em vez de ti». Isto esclareceu todo o panorama (podem ler a história no número da *Tracce* de junho). Às vezes, é preciso vir alguém de fora para nos tornar conscientes do que significa participar num gesto que tem um alcance crucial para a vida quotidiana, para nos tornar conscientes de como o encontro que nos aconteceu determina uma novidade na forma de conceber e tratar tudo.

Se não trazemos no nosso olhar aquilo que vimos esta manhã, se não crescer a consciência de que é só seguindo a Sua presença tal como ela acontece que pode gerar uma liberdade, uma alegria, uma fecundidade na forma como se vive todas as situações, vamos perder-nos na primeira curva da estrada, não teremos um critério para decidir o que fazer - a partir das propostas deste verão. O director do Cazaquistão percebeu de forma lúcida que se aquela professora do movimento não participasse naquele lugar, naquele encontro em Vilnius, seria inútil ali, no Cazaquistão, porque o contributo muito original que ela dá na sua forma de trabalhar depende do seu «ir à pesca com Ele», e a pesca era em Vilnius, naquele caso. De facto, não estamos a falar apenas da pesca de há dois mil anos: «Ir pescar com Cristo» coincidia, para ela, com o participar naquele lugar para onde Cristo, através do movimento, a convidava. Cada um decidirá como vai responder às propostas que o movimento lhe faz, mas qualquer que seja a decisão que tomem, verifiquem o que acontece. Pensas que podes não seguir a forma com que a Sua presença acontece e te provoca? Está bem, verifica-o e depois - como aconteceu com a rapariga que regressou anos depois – poderás perceber se a imagem que te tinhas feito corresponde à verdade ou não. Se não verificarmos que só a familiaridade com Cristo é que regenera a vida, e que essa familiaridade aumenta participando naquele lugar onde Ele

se torna presente, «indo à pesca com Ele», nós vamos acabar por esquecer a familiaridade e seremos como canhões à solta, à procura de qualquer migalhinha de satisfação, iremos tornar-nos cada vez mais cépticos, presas do niilismo. Esta é a verdadeira escolha: entre a familiaridade com Cristo e o niilismo.

Não estamos aqui a perder o nosso tempo, estamos diante do verdadeiro desafio, aquele que diz respeito a todos: verificar se a última palavra sobre a vida é o nada ou se existe uma outra possibilidade. O colega do liceu que lia Nietzsche e Sartre, quando a vida começou a apertá-lo, foi bater à porta do nosso amigo, porque o tinha visto viver duma forma diferente. Cada um de nós precisa de voltar a ver a Sua presença acontecer e ninguém está livre do risco de perder o seu caminho, de pensar em safar-se com os próprios projetos.

Se agora marcamos encontros, através dos avisos, é para dizer: «Olha que este verão a Sua presença se move desta maneira, provoca-te e sustém-te desta forma». Jesus não desaparece, não se torna uma mera inspiração, e cada um imagina-o como quer. Não! Cristo é uma presença, é um acontecimento agora, e este verão oferece-te pontos de encontro para que tu possas ser chamado duma forma mais clara e persuasiva, para que tu possas seguir com maior facilidade e enfrentar os teus desafios diários com um fôlego humano. Cabe a cada um decidir. Não venham aos gestos que o movimento vos propõe porque o chefe vos manda. Poupem-se a isso! Se quiserem fazer outra coisa, então façam-na para que cada um possa verificar. E ainda que alguém se engane, não é isso que me interessa: aquilo que conta é que poderá entender a diferença entre seguir as suas próprias ideias e seguir a proposta que o movimento lhe faz (como o percebeu a rapariga de que falou o nosso amigo). Nem tudo é igual.

Todos vimos, no caso da «caritativa», como simplesmente seguindo um gesto aconteceu em tantos uma mudança do eu que tem a ver com a totalidade dos factores. O alcance de um aviso é, então, como o dizer: «Lança a rede». Quem aceita fazer isso pode testemunhar o milagre, ser invadido pelo mesmo espanto de Simão Pedro. Todos os gestos que o movimento vos propõe são a renovação deste convite: «Lança a rede». «Mas eu não apanhei nada esta noite!». «Tens razões, dada a tua história, para ainda confiares?». Só quem confia poderá ver o resultado.

Acrescento que todos os gestos são propostos na sua totalidade. Uma pessoa, livremente, pode não aceitar, porque não está suficientemente convencida do seu valor. É como se Jesus dissesse: «Vem pescar comigo», e ela respondesse: «Não, esta noite tenho outro compromisso». Bom, vai a esse compromisso, quem te impede? Mas – se pensarmos - se Jesus viesse e dissesse: «Queres vir fazer este gesto comigo?», e uma pessoa como única resposta dissesse: «Depende», talvez não tivesse percebido do que se tratava. O movimento desafia-nos a ver todos os gestos como a ternura de Cristo que nos convida a «ir pescar com ele». Podes decidir se queres aderir ou não: verificarás o que te irá acontecer, num caso ou no outro. Não se preocupem se somos muitos ou poucos. Jesus ficou com doze, nós também podemos recomeçar com doze. Só se houver pessoas que vivem uma paixão pelo que lhes aconteceu é que poderão atrair também os outros.

Boas férias a todos!